

O CONGADO E SUA PARTICIPAÇÃO NA PRESERVAÇÃO E PERPETUAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DOS DIFERENTES CAMPOS DE ATUAÇÃO

Igor de Araújo Alves

Graduado em História e Pós graduando no Ensino de História, IEC- PUC Minas.

Igoralves71@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo pretende trazer algumas das ações e atuações do congado, que é uma manifestação afro-brasileira, composta predominantemente por negros, que utilizam de procissões, levantamento de mastros, coroação, canções e danças, para manifestar a sua fé e relembrar seus antepassados africanos, mantendo vivas suas tradições e resistindo ao preconceito que se estende por longa data. O Congado é abordado dentro de um contexto social, religioso e cultural, como por exemplo, o papel que ele exerce dentro do universo religioso, a função identitária dentro e fora das guardas, a importância da resistência e o empoderamento da cultura afro-brasileira. Tem objetivo de levar o tema congado e cultura afro-brasileira ao ambiente educacional, já que este é um lugar plural, espaço de produção de saberes e propício para a divulgação das identidades presentes na sociedade brasileira, também tem função de desmistificar e quebrar paradigmas em torno do congado, congadeiros e suas representações, já que este sofre com estereótipos e preconceitos. Este tema é de grande importância, pois divulga a cultura negra, que é um dos pilares do povo brasileiro, ademais transita pela cultura oral, cultura local, identidade e patrimônio, demonstrando que o Congado é mais que uma festa, ele é resgate, educação, empoderamento, ele é vida, além disso esse artigo é uma forma de materializar a lei 10.639, que obriga o ensino de África, africanos, e afro-brasileiros, dentro do sistema de educação do país, levando as pessoas a conhecer, divulgar e respeitar.

Palavras-chave: Congado. Identidade. Resistência. Cultura afro-brasileira.

**THE CONGADO AND ITS PARTICIPATION IN THE PRESERVATION AND
PERPETUATION AND PERPETUATION OF THE AFRO-BRASILIAN CULTURE
THROUGH THE DIFERENTE FIELDS OF ACTIVITY**

Igor de Araújo Alves

Graduado em História e Pós graduando no Ensino de História, IEC- PUC Minas.

Igoralves71@yahoo.com.br

Abstract

This article intends to bring some of the actions and actions of the congregation, which is an Afro-Brazilian manifestation, composed predominantly of black people, who use processions, masts, coronation, songs and dances to express their faith and remind their African ancestors , keeping alive its traditions and resisting the prejudice that extends for a long time. The Congado is approached within a social, religious and cultural context, such as the role it plays within the religious universe, the identity function inside and outside the guards, the importance of resistance and the empowerment of Afro-Brazilian culture. It has the objective of taking the congolese theme and Afro-Brazilian culture to the educational environment, since this is a plural place, space of production of knowledge and conducive to the dissemination of the identities present in Brazilian society, also has the function of demystifying and breaking paradigms in around the congado, congadeiros and their representations, since this suffers with stereotypes and prejudices. This theme is of great importance because it disseminates the black culture, which is one of the pillars of the Brazilian people, in addition it transits through the oral culture, local culture, identity and heritage, demonstrating that the Congado is more than a party, it is rescue, education , empowerment, it is life, in addition this article is a way to materialize Law 10.639, which obliges the teaching of Africa, Africans, and Afro-Brazilians, within the education system of the country, leading people to know, to respect.

Keywords: Congado. Identity. Culture. Afro-Brazilian.

Cultura e Congado

Falar sobre cultura e congado no Brasil deveria ser uma tarefa fácil, já que a diversidade e as práticas culturais são características marcantes e fazem parte da identidade do país, no entanto essa pluralidade traz consigo estereótipos, preconceitos e invisibilidade, invertendo a divulgação e a valorização.

A cultura é o que identifica um determinado grupo, de um lugar específico em uma época determinada, através de suas ações, invenções e sentimentos, que vão desde a forma como as pessoas se comunicam, vestem e comem até a forma com que elas se lembram, resistem e preservam.

Cultura, de acordo com Edward Tylor (1832- 1917) é:

Um todo, que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (TYLOR *apud* LARAIA, 2006, p.25).

Já o congado é uma manifestação simbólica, cultural e religiosa, composto de procissão, levantamento de bandeira, coroação, fardas, espadas, capitães, dança, música, tambores, chocalhos e representações trazidas de África, pelos negros que foram escravizados e relembavam os cortejos dos reis do Congo, que ao chegar no Brasil inseriram elementos europeus católicos em suas apresentações e ao próprio cotidiano, como a religião, a devoção aos santos e ao rosário, em forma de fé e resistência. De acordo com Monteiro (2013) o congado também é conhecido como congo, congada, guardas, ternos e cortes, estes cortejos reais em louvor aos santos de devoção são compostos predominantemente por negros.

Segundo Katrib (2013), o Congado é parte da cultura negra brasileira; sendo uma manifestação cultural que apresenta, saberes, culturas, identidades, resistências, afirmações, lutas etc.; em diálogo com diversas expressões e sentidos (re) construídos na cultura.

Ou seja o Congado é conhecimento, que através de suas representações simbólicas ensinam e assim preservam não apenas para seus integrantes mas todos aqueles que os percebem.

Religião, Música e Preconceito

Em território brasileiro sob regime colonial os negros escravizados são distribuídos pelo país, obrigados a deixar as suas religiões africanas como o culto aos Orixás e passar a professar a fé cristã através do catolicismo, como forma de manter sua identidade os negros começam a cultuar os santos negros, principalmente Nossa Senhora do Rosário, no entanto estes negros escravizados não podiam entrar na igreja para rezar, e de forma sincrética lembravam seus Orixás assim como fala Marlene da Silva Faustino¹, “Eles não podiam entrar na igreja então cantavam e tocavam os tambores na senzala,” segundo ela dava-se nomes dos santos católicos aos orixás.

Dava outros nomes as imagens de santo como Oxum Nossa Senhora da conceição, Oxóssi São Sebastião, Xangô São João Batista, Ogum São Jorge, Nanã Sant’Ana e daí por diante. (Marlene da Silva Faustino Capitã e 1ª Secretária da guarda de Moçambique Nossa Senhora da Conceição, JAN/2018).

Este sincretismo nada mais é que a resistência diante a aculturação, e o congado traz consigo na dança e no cantar um resistir, um divulgar, mais do que isso o congado possibilita a demonstração da fé, bem como diz Mateus Gomes Barbosa², que o Congado para ele é a forma de fazer suas orações por meio de canto e dança.

A musicalidade é outro importante elemento dentro do congado, seus ritmos marcados pelo som dos “tambores”, cada nação tem a sua forma de tocar, assim como conta esta versão do mito de Nossa Senhora do Rosário:

Lá na história de Nossa Senhora, lá no primórdio de tudo, quando Nossa Senhora apareceu no mar, os negros estavam ali e os brancos tentou tirar e não conseguiram. E aqueles negros humildes pediram a seus senhores: “Ah, pelo amor de Deus, deixa nós pelo menos tentar, porque ela não vem.” Porque o branco foi lá e colocô ela na capela e ela voltou para a água. Aí os negros com aquela coisa e tal. Os branco falô: “Vai, então, sua imundice, vai tentar então, porque vocês não andam com nossas roupas e ela não veio, então com vocês ela vai ir? Faça o que vocês quiserem.” Então uma triagem de sete negros, seis negros e uma negra (essa é a história que eu sei), foram na beira do mar cantar para Nossa Senhora pra ver se ela acompanhava eles. Nunca que eles imaginavam que ela ia acompanhar eles. Eles queriam simplesmente fazer só uma homenagem. Então, eis aí a lenda: o congo bateu, eram só sete negros, não era uma guarda de congo que foi lá bater, eles bateram no ritmo do congo. Os tambor, fizeram os tambor, consagraram do jeito deles, as coisas, do jeito deles e bateram no ritmo de congo e cantaram no ritmo de congo. Cada negro era de uma legião, um negro era cativo de Moçambique, um negro era cativo de Congo, tem esses nomes na África. Tinha o negro cativo de Angola, o de não sei daonde, da Costa, cada qual com a sua tradição. Então, o negro do Congo bateu no tambor e falou: Vamos cantá. E cantou na linha dele tumtumtum, tumtumtum e

¹ Capitã e 1ª Secretária da guarda de Moçambique Nossa Senhora da Conceição.

² Caixeiro da Guarda Nossa Senhora do Rosário da Serra dos Maias.

cantou, na linha de congo. Ela [a santa] balanceou pra cá, balanceou para lá e veio um pouquinho. Eles emocionaram: Nossa Senhora envém. Aí o outro negro que tava com a mão no outro tambor: Vão bater, gente. E bateu no moçambique. Moçambique era serra abaixo [ritmo do tambor], não existia serra acima, era tumtuntumtum, tumtuntumtum, era uma coisa serena. Moçambique original é serra abaixo. Eles tentaram mais uma vez, ficaram emocionados e bateram e cantaram. Isso faz parte do fundamento, quem sabe o que eles cantaram num fala, isso é segredo de estado, isto é uma coisa trancada debaixo de tantas chaves. E cantaram, no ritmo de moçambique. Ela veio mais um pouquinho, chegou bem mais na areia. Essa é a lenda, eles ficaram bobo. O último negro, o mais sábio, o mais velho, falou: “Nós vamos bater agora no ritmo do candombe”, que era o ritmo deles original, da África. E bateram tucutucutucutucutucutucutu, uma mistura do congo, do moçambique e do batuque deles. Então, cada tambor bateu do seu jeito, então, cada qual fazendo a sua própria homenagem. “Ocê, fulano, bate o seu ritmo do congo”, “ocê vai conservar seu ritmo e eu vou no meu ritmo”. O candombe é uma jogada dos 3 ritmos. Cada tambor bateu de um jeito, quando eles fizeram isso, então, ela veio. Ela veio homenagear as três raças, os três ritmos. Só quando eles conscientizaram disso, que não foi mais pra um, mais pro outro, não, os três ritmos. O congo é isso, ele vai abrir o caminho, o Moçambique vai trazer a coroa. O pouquinho de congo que eu entendo é isso, ele vai pra abrir os caminhos igual ele fez com Nossa Senhora, ele bateu, ela veio um mocadinho, por isso que o moçambique bate e a coroa vem. (Depoimento coletado por ALVES, 2011, p. 272-273).

No entanto está musicalidade africana que existe dentro do congado por muitas vezes é vista com preconceito e inferioridade já que é trazida de África e não da Europa, por ser produzida por negros e gente comum e não pelo branco, como está relacionada a tradição acaba sofrendo estereótipos como nos mostra Queiroz:

Quando se fala de grupos de Congado ou qualquer outra manifestação étnica brasileira, que não seja de origem europeia, o senso comum, na maioria das vezes, faz com que as pessoas logo associem as práticas artísticas culturais desses grupos com as chamadas manifestações “folclóricas”, vistas como “tradicionais”, do povo, de menor prestígio diante de aspectos culturais eruditos, mas que merecem ser preservadas. (QUEIROZ, 2006, p 134.).

A leitura, por parte de alguns setores sociais, é de que a Congada, assim como o Maracatu e o Jongo, seriam manifestações ligadas a religiões de matrizes africanas (e, por isso, “desviantes”) e a setores pobres da população. Por isso, muitas vezes, são consideradas “expressões menores” da cultura popular (ROVAI, 2015).

Estrutura Social, Identidade, Afirmação e Memória

Além de música e dança o congado também nos mostra uma estrutura social e de poder, nas suas celebrações com elementos litúrgicos exercidos pelos reis congos representando os santos e as heranças de seus antepassados e de suas divindades, segundo Martins:

Durante as celebrações, os reis e as rainhas são os líderes máximos do cerimonial, numa estrutura de poder embasada em funções hierárquicas rígidas, na qual o Rei Congo e a Rainha Conga são as majestades mais importantes e portam as coroas mais veneradas. Com exceção dos reis festeiros, que oferecem os banquetes, e que são substituídos a cada ano, os demais coroados são vitalícios e, em geral, pertencem a linhagens tradicionais do próprio Reino. Os reis representam Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês; os reis congos, no entanto, simbolizam também as nações negras africanas e essa ascendência é traduzida pelo papel ímpar que desempenham nos rituais litúrgicos e pelo poder com o qual são investidos... Essa recriação dos vestígios e reminiscências de uma ancestral organização social remete-nos ao papel e função do poder real nas sociedades africanas transplantadas para as Américas, nas quais os reis, em sua suprema autoridade, representavam os elos maiores de ligação e de mediação entre a comunidade, os ancestrais e as divindades. (MARTINS, 2002, p. 78-79).

Estas celebrações são formas de identidade, e auto afirmação em um lugar novo e desconhecido é a forma que os africanos escravizados encontraram para manter viva sua cultura e fundar o seu próprio reino, mesmo que apenas simbólico, assim como diz Reis:

(...) nas festas ocorriam as eleições de reis e rainhas que fundavam na América Portuguesa encantações de reinos africanos e rituais que transformavam a memória em força cultural viva, “(...) eram acompanhadas do bater de atabaques, mascaradas e canções cantadas em línguas africanas. Nessas cerimônias, carregadas de emoção mais do que de devoção cristã, os africanos reviviam simbolicamente suas antigas tradições culturais e consolidavam na prática novas identidades étnicas.” (REIS, 1997, p. 25).

Por traz das festa e dos próprios grupos de congado estão as irmandades, que são como associações que de alguma forma, tentavam ajudar os negros seja na esfera cultural como também políticas, já que eram na maioria das vezes, compostas por homens negros livres e escravizados, as mais famosas são as Irmandades do Rosário. Em alguns casos essas irmandades até protegiam os escravizados fugitivos, elas proporcionavam aos negos, pardos e mulatos algum tipo de apoio para enfrentar os mal tratos. No entanto essas irmandades ainda eram comandadas pela igreja e protegidas por reis que fazia delas uma forma de manipular os negros. (BRASILEIRO, 2012).

Mesmo as irmandades sendo supervisionadas por reis e pela igreja, em um determinado momento elas conseguiam ser uma forma de resistência e de alguma maneira promover algo diferente da vida sofrida que os escravizados levavam como defende Reis

(...) as irmandades negras do período colonial se formavam em torno das identidades africanas mais amplas, criadas na diáspora e que uma das principais atividades das irmandades era a “promoção da vida lúdica, ou estabelecer o estado de folia de seus membros e da comunidade negra em geral”. (REIS, 1997: 25).

Outra coisa é como esta representação cultural no caso o congado se apresenta como tradição e herança familiar, pois passa de pai para filho, bem como diz Maria Geralda, Rainha de São Benedito e coordenadora de cozinha da Guarda Santa Rita, da cidade de Sete Lagoas:

Então essa guarda foi formada na minha casa. Meu pai era capitão embaixador, Argemiro Moreira”, as guardas de congo se deslocam em forma de resistência, como tradição e memória, lembradas nas palavras de Héber Luiz da Fonseca, o Biba-Filho de Geraldão e Capitão Regente da Guarda Santa Rita, “Eu lembro muito bem que agente dançava na guarda do Ananias, (...) Eu lembro que a gente estava com quatro ou cinco anos”. Mais do que isso faz parte da vida dos seus integrantes se confundindo como a própria história. (Maria Geralda, Rainha de São Benedito e coordenadora de cozinha da Guarda Santa Rita, 2012 apud ANDRADE, 2013, p. 3).

Porém os grupos de congado como outros grupos folclóricos, populares e religiosos vem sofrendo com a perda de identidade e até com a própria extinção, devido ao desinteresse, desconhecimento e falta de apoio, tendo como alternativa inserir alguns integrantes, mesmo não tendo parentesco, para evitar o fim dos grupos, como mostra Mateus Gomes Barbosa:

Não importa como o congado é passado pra frente, se é passado de pai pra filho ou se alguém que não é da família dá continuidade, o importante mesmo é não deixar acabar. (Mateus Gomes Barbosa, Caixeiro da Guarda Nossa Senhora do Rosário da Serra dos Maias, JAN/2018).

Esta memória é de suma importância para valorização, conhecimento e empoderamento, pois é necessário existir outras referências locais além, das classes dominantes, segundo Selva Fonseca (2013), a construção de uma história local referem-se aos vultos das elites, dos heróis e políticos, como únicos transformadores do progresso local.

Além disso o congado divulga a cidade o bairro a rua e até o beco como é o caso do “Beco dos Repolhos” situado no bairro Santa Luzia, também conhecido como Garimpo, na cidade de Sete Lagoas, onde nasce um dos mais importantes grupos de Moçambique da região, fundado por Seu Manoel Capitão Regente, ganhador do Projeto Mestre da Cultura Popular de 2008, um divulgador da cultura afro-brasileira e da cidade se Sete Lagoas, através do congado, suas representações e da tradição oral.

O Congado e seus integrantes resistem as transformações sociais e urbanas, apoderam de sua cultura e não se esquecem de onde vieram, conservam suas memórias através de relatos orais ao falar dos fatos passados, trazidos de África e vividos em seu cotidiano no Brasil.

O Congado veio da África, né? Veio lá daquela época da escravidão, que, antigamente, os pretos não entravam na igreja e tinham que cantar na porta da igreja, eles (senhores) entravam e eles (negros) ficavam do lado de fora, eles não podiam assistir uma missa, aí depois que eles iam embora eles faziam a missa deles lá, né? Batiam os tambores e ficavam cantando, porque negro não participava, não podia entrar... Não tem escravidão no Brasil mais, mas tem que ter a festa, né? Porque a gente tem que fazer a representação, para não esquecer as origens, né? Que a gente teve a escravidão né!? (Capitão Solange, 2006 in ALVES, 2008, p. 97).

No livro *o Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*, Darcy Ribeiro discorre sobre a formação de um identidade nacional, mas também da resistência identitária negra, onde o filho do português nascido no Brasil não se entusiasmava em ser brasileiro, queria ser visto como português, o filho da índia com branco ou com negro não sabia sua identidade, já o negro escravizado “permanece, ele mesmo, na sua identidade original até a morte”.

Posto no Brasil, esteve sempre em busca de algum irmão da comunidade longínqua com quem confraternizar. Não um companheiro, escravo ou escrava, como ele próprio, mas alguém vindo de sua gente africana, diferente de todos os que via aqui, ainda que eles fossem negros escravos. (RIBEIRO, 1995. p. 131).

O Congado faz parte da identidade das cidades, de sua construção e está ativamente presente na memória de seus habitantes.

Memória entendia, segundo Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 419).

Todos os seres humanos e os espaços sociais, são repositórios de memórias. A História oficial, relegou um papel secundário às populações negras africanas e seus descendentes, apenas lhes remetendo o papel de escravos. Isto criou um estado de desigualdade que dificulta a inclusão e reconhecimento social e cultural desta grande parcela da população na sociedade.

Educação e Patrimônio

O congado é um facilitador para ensino de culturas afro-brasileiras, por se tratar de uma representação que contem música, dança, religião e toda uma história que é contada em versos ao som de tambores, mas também é uma forma de politizar seus integrantes, como nos apresenta a antropóloga Nilma Lino Gomes: os negros, por meio de sua vivência cotidiana, das lutas do movimento negro brasileiro e das ações dos grupos culturais, politizam a própria história e, ao fazer isso, politizam a história do Brasil (GOMES 2008, p.138).

É a observação a vivência, resistência, transmissão de conhecimentos é a troca, conforme fala Katrib (2013).

No congado, todos os saberes herdados se recriam a partir de uma metodologia da observação do fazer e aprender a apreender e das ações conscientes de formação social, política e de valorização da identidade negra, das suas pertencas religiosas, culturais, de respeito ao outro e à natureza, que são disseminados no dia-a-dia e se confundem com a própria educação familiar recebida pelos indivíduos. O professor, ao referendar essa multiplicidade de saberes culturais na sala de aula, promoverá a troca de vivências sociais entre o grupo e propiciará que cada sujeito exerça sua individualidade e a tenha respeitada, destacando que, na coletividade, toda essa bagagem faz parte da nossa vida e contribui para a manutenção desse mosaico cultural chamado Brasil. (KATRIB, 2013, p. 41 - 42).

Ademais, as relações étnico-raciais que sustentam a prática docente se tornam um espaço privilegiado para a abordagem de uma educação antirracista, plural e inclusiva, com a intenção de acabar com a oficialidade de uma história que disseminou e dissemina conceitos estereotipados e preconceituosos.

O ambiente escolar para Rebeca Gontijo:

A escola seria um espaço privilegiado para o estudo da pluralidade, pois é considerada como lugar de convivência entre pessoas de diferentes origens, com costumes e dogmas religiosos variados, com visão de mundo da mais diversa (CONTIJO, In. ABREU; SOIHET, 2009, p. 63)

Encaixada nesse ponto de vista educacional, uma educação para o exercício da diversidade, busca a quebra de uma “visão estática, conteudista, limitada ao domínio de métodos e técnicas de ensino, ainda presente na formulação de cursos e de outras atividades de mesma natureza”. (GOMES; SILVA, 2006, p. 16).

É responsabilidade da educação através da escola identificar, respeitar e divulgar as identidades, neste caso em particular a identidade negra, pois a escola também é o lugar onde ela é construída (GOMES, 2005).

É preciso transformar o cenário de invisibilidade, já que este propicia a perpetuação do racismo e do preconceito, pois o silenciamento de certas práticas docentes, faz permanecer o desconhecimento e negação. Situações que persistem, devido a atitudes discriminatórias, arraigadas nos currículos de formação de professores e no imaginário social.

Outro aspecto importante é o congado visto como patrimônio, não apenas de um bairro ou cidade, mas como patrimônio de uma nação, patrimônio este que é material e imaterial, material pelas pessoas, instrumentos, e roupas, mas também imaterial pelas memórias, saberes e tradições, bem como fala o ex ministro da cultura Gilberto Gil:

Pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial” (GIL apud ANDRADE, 2014, p.01).

Educar com o patrimônio é uma maneira de levar os alunos e a sociedade a se tornarem conscientes e protetores, de seus valores, bens culturais, e conseqüentemente de sua história.

O patrimônio imaterial reúne “conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”, “rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”, “manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas”, lugares (mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas), (BRASIL, 2000).

Além do mais quando falamos do imaterial é o momento onde o sentimento, o simbólico e o valor, falam mais auto, são fatos que não podem ser mensurados é o tocar de um tambor que está no sangue é um dançar e cantar que está na memória.

Considerações Finais

Muito temos que aprender com o universo congadeiro; seus valores culturais que fortalecem a (re) construção das identidades brasileiras.

Além disso o congado faz parte de nosso patrimônio, do patrimônio do Brasil, faz parte da memória de nossa gente e é um importante disseminador da cultura, sendo uma forma de afirmação de fé, de conhecimento e de respeito a ancestralidade.

Portanto falar de congado é mais do que falar de dança, música, representações, personagens e festas, é falar de cultura afro-brasileira, diversidade religiosa, resistência, patrimônio e discutir o tema etno-racial, pois congado não é um povo, são várias nações, culturas e identidades. Tornando uma tarefa desafiadora pois a sociedade atual é individualista e preconceituosa, muito pouco se fala sobre cultura afro-brasileira nas salas de aula, quanto mais o congado, e não era para ser assim, já que esta é uma das culturas formadoras de nossa sociedade e faz parte da vida dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. 2ª ed. RJ: Casa das Palavras, 2009.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **Os festejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas**. 2008. 251 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n21p268/2624>. Acessado em: 12 nov. 2017.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. Reinado de Nossa Senhora do Rosário: a constituição de uma religiosidade mítica afrodescendente no Brasil. Dossiê: Religião e Cultura. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 268-283, abr./jun. 2011. Disponível <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n21p268/2624>>. Acessado em: 14 nov. 2017.

ANDRADE, Dalton Antônio de Avelar. **Cartilha da Guarda de Congo Santa Rita- Bairro Nossa Senhora das Graças**. Sete Lagoas MG, outubro 2013. Disponível em:<<http://www.daltonandrade.com/arquivo/2058>> Acesso em: 13 out. 2017.

ANDRADE, Dalton Antônio de Avelar. **Cartilha da Guarda Nossa Senhora do Rosário Imaculada Conceição, Bairros Industrial/ Progresso**. Abril 2012, p.2. Disponível em: <<http://www.daltonandrade.com/arquivo/817>> Acesso em 13/11/2017.

ANDRADE, Luísa Teixeira. O curso dos conceitos: patrimônio cultural, práticas de memória e diversidade. **Anais do XIX Encontro Regional de História, ANPUH**. Profissão Historiador: Formação e Mercado de Trabalho. Departamento de História/UniBH. Juiz de Fora, 28 a 31 de jul. 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1398435897_ARQUIVO_Texto_AnpuhRegional2014.pdf>. Acessado em: 14 nov. 2017.

BRASIL, Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 13 out. 2017.

BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura Afro-brasileira na Escola: o Congado na sala de aula**. Disponível em: <http://culturaviva.gov.br/files/event/708/cultura_afrobrasileira_na_escola_o_congado_na_sala_de_aula.pdf>Acesso em: 13 out. 2017.

FONSECA, Selva G. **Didática e Práticas de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e a educação brasileira. In: BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.133-145. Disponível em: <[file:///C:/Users/marcio.alves/Downloads/2531-8332-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/marcio.alves/Downloads/2531-8332-1-PB%20(1).pdf)>. Acessado em: 14 nov. 2017.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O desafio da diversidade In: **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 13-33, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre Relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**. Disponível em: 221
Ponta de Lança, São Cristóvão, v.12, n. 22, jan.-jun. 2018.

<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 13 out. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143283por.pdf>>. Acessado em: 14 nov. 2017.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Diálogos entrecruzados: cidadania, cultura afro-brasileira e os 10 anos de implementação da lei N. 10.639/2003. **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 2, n. 1 – jan./jul. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/viewFile/24060/13260>> Acesso em: 13 out. 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p25

LE GOFFE, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>> Acesso em: 13 out. 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 126-140.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Memória, tradição oral e publicização: manifestações culturais e patrimônio imaterial de Congadeiros no sul de minas gerais. **XI Encontro Regional de História Oral**. Dimensões do Público: Comunidades de sentimentos e narrativas políticas. 08 a 10 de julho de 2015. Niterói – RJ. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1431716890_ARQUIVO_SIM_POSIOTEMATICOTEXTO.pdf>. Acessado em: 14 nov. 2017.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 78-79.

MONTEIRO, Livia Nascimento. Os filhos do Rosário: memórias da escravidão e o pós-Abolição em Minas Gerais. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, Rio Grande do Norte, jul. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371331850_ARQUIVO_TrabalhofinalAnpuh-Natal.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva, A música no contexto congadeiro. **Ictus-Periódico** 04 do PPGMUS/UFBA, 2006 Disponível em: <<http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/article/viewFile/43/50>>. Acessado em 14 nov. 2017.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. (1997, p. 5,15). **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf>. Acessado em: 14 nov. 2017.

Recebido em 03 de maio de 2018

Aprovado em 07 de julho de 2018